



UNICAMP

EVENTO: Festival de Salzburg (renovação)

VEÍCULO: JORNAL DO BRASIL

DATA: 27 de agosto de 1994

PÁGINA: 9

SEÇÃO: CADERNO B



A nova face de Salzburg

Festival renova seu elenco, atrai jovens e choca público fiel

ANDREA GOUVÊA VIEIRA

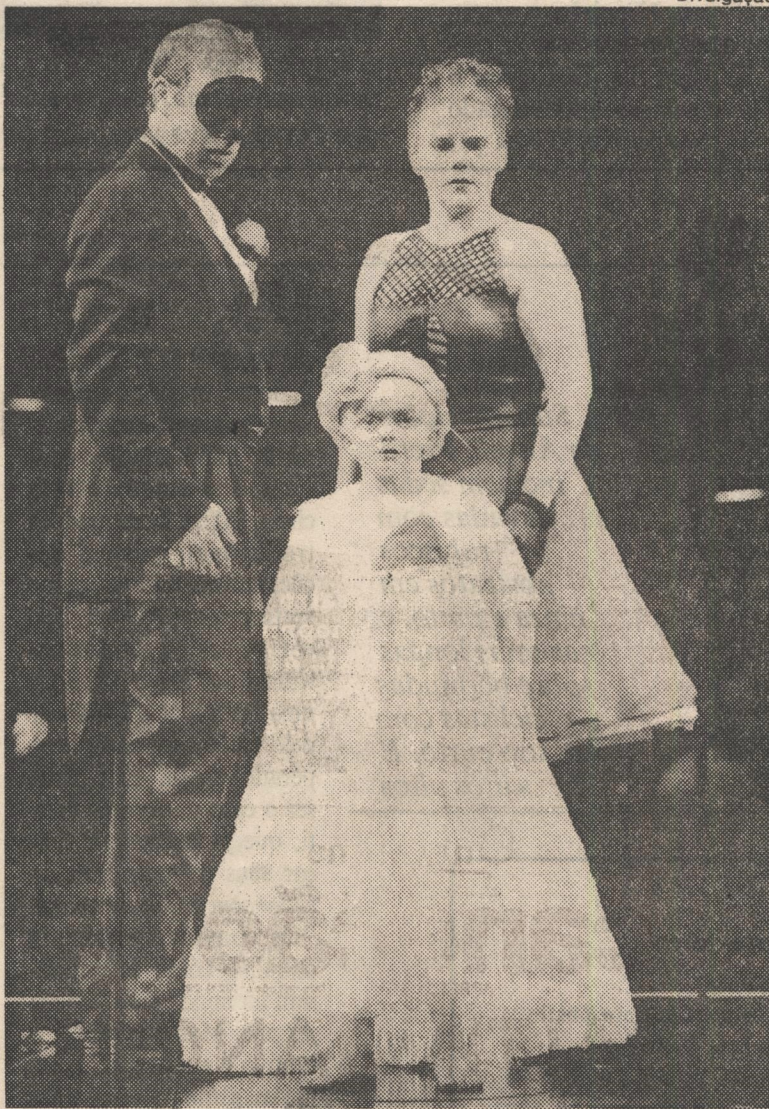
SALZBURG, Áustria — Não tinha Pavarotti, Domingo ou Carreras. Mesmo assim, 210 mil ingressos foram vendidos para os 180 espetáculos de ópera, concerto e teatro que, todos os anos, atraem dezenas de milhares de turistas a Salzburg, terra de Mozart, onde se realiza o maior festival de música clássica do mundo.

Teria sido apenas a 74ª edição do festival, não tivesse o deste ano um significado especial para o diretor belga Gerard Mortier, sucessor do maestro Herbert Von Karajan, que por anos foi o gênio — e o tirano — de Salzburg. Depois de dois anos de conflitos, Mortier sai consagrado ao consolidar o novo estilo: abriu espaços para a música contemporânea, optou por novos talentos em detrimento de prima-donas e viabilizou o acesso dos jovens a um festival onde o ingresso mais barato não custa menos de US\$ 100.

Tudo isso assustou, e muito, o público ultraconservador de Salzburg, acostumado a uma programação mais tradicional. No primeiro ano, a reação foi de fúria. Vinte por cento dos membros da organização Amigos de Salzburg, que ajuda a bancar o festival, se desligaram em protesto contra o vanguardismo da programação. Mozart teria sido abandonado; Karajan, traído.

As declarações de Mortier, na ocasião, contribuíram para acirrar os ânimos. A Filarmônica de Viena — outro monstro sagrado do festival — teria um repertório restrito e conservador, na opinião de Mortier; seus músicos foram chamados de parasitas, caros e temerosos de enfrentar o novo; Mortier lamentou o excesso de quilos das prima-donas: "Nossos camarins são muito estreitos para Jessy Norman e Pavarotti".

Entraram em cena os políticos. Mortier silenciou-se para o público; a Filarmônica de Viena prometeu incluir no repertório música contemporânea. Mas a programação deste ano mostra que Mortier está conseguindo mudar a cara do festival.



Ombra felice reúne árias esparsas escritas por Mozart

Um Mozart que não existe

Mozart foi esquecido? Não. O filho dileto da cidade, razão de tudo, lá estava, este ano, mas tão irreverente como sua própria história. *Ombra felice*, apresentada ao ar livre, no pátio interno de Residenhof, é simplesmente uma ópera que não existe. São 26 árias escritas por Mozart ao longo da vida, para intérpretes variados, projetadas para inclusão em peças já existentes mas depois abandonadas. Não existe história. Mas Karl Ernst Herrman, que há dez anos trabalha neste projeto, reuniu-as num palco aberto onde seis vocalistas interpretam o jogo da vida.

"Para quem deseja experimentar, em pequena escala, a grandeza, a inteligência, o radicalismo e a modernidade de Mozart, *Ombra felice* é a melhor oportunidade. Melhor que as peças clássicas mais consumidas do que realmente apreciadas por sua tremenda rea-

lidade", diz a brochura do festival a respeito do "novo Mozart".

Don Giovanni, obra prima do compositor, apresentada 126 vezes ao longo da história do festival, também estava presente. Mas a visão deste clássico era do cineasta francês Patrice Chéreau, que usa e abusa do vanguardismo ao montar suas peças. "Estou aqui porque gosto de Mortier; há muito dinheiro em jogo, muita indústria fonográfica ditando regras e demasiado *jet-set*", queixou-se ele.

Homenageado deste ano, o compositor russo Igor Strawinsky nunca foi, por certo, um estranho no ninho. Mas das três óperas escolhidas — *The Rake's progress*, *A história de um soldado* e *Edipo Rei* —, a última foi entregue aos cuidados do norte-americano Peter Sellars, de 35 anos, já famoso pela montagem de *Così fan tutti*, de Mozart, nos Estados Unidos.

Cai o preço do ingresso

Se nos palcos, aos poucos, o cenário se modifica, na plateia ocorre fenômeno semelhante. Nem todos usam mais *black-tie*, os longos já não são uma imposição. Embora a percentagem dos jovens continue sendo baixa (a idade média, que era de 49.1 em 1985 passou para 44.5 em 1993), pela primeira vez um programa patrocinado por empresas particulares, para jovens de até 26 anos, permitiu a redução do preço dos ingressos em até 70%. A maioria dos jovens é da própria região de Salzburg, mas foram atendidas solicitações da Alemanha, Itália, França, de alguns poucos norte-americanos e estudantes japoneses na Europa.

Gerard Mortier visita as universidades e escolas européias, dando conferências, convidando os jovens para ensaios das óperas. É a preparação do futuro público, a sobrevivência do festival.

Há um esforço concentrado para baratear os custos, em geral, para os turistas de Salzburg. Segundo a secretaria de imprensa do festival, em 1985 a permanência média era de 7.2 dias contra 9.7 no ano passado; a hospedagem custava US\$ 108 contra US\$ 96.5; a alimentação caiu de US\$ 65 para US\$ 51 por pessoa.

Os dados ilustram o novo perfil dos visitantes: há oito anos, 48.4% eram profissionais liberais/autônomos contra 29.7% no ano passado; os estudantes cresceram de 0.4% em 85 para 10.4% em 93. Da mesma forma, a pesquisa sobre meios de transporte mostra uma queda enorme no uso do avião e do carro particular, enquanto dobrou o uso do trem.

Vitória definitiva de Mortier? O diretor de imprensa do festival, Hans Widrich, é cauteloso. "Nunca se pretendeu fazer uma revolução. O festival andava estagnado, repetia-se a programação. Mortier trouxe apenas fogo novo." Sobre a ausência de nomes consagrados e conhecidos do grande público, ele é taxativo: "Aqui estão os melhores. O que não significa que Pavarotti, Plácido ou Carreras não sejam ótimos. Eles apenas têm uma agenda incompatível com as regras do festival."